

AS TRADIÇÕES ORAIS NO CONTEXTO ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA D CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO ORAL

Naiara Guerreiro Dias

Professora da Educação Básica da rede municipal de ensino de Parintins/AM

RESUMO:

O referido artigo versa acerca da importância do contador de história na promoção da memória cultural do povo parintinense. Destaca-se que a inserção das tradições orais como ferramenta pedagógica para o Ensino de Língua Portuguesa, contribui para desenvolvimento da expressão oral e do imaginário dos alunos. Para a obtenção de dados foram realizadas oficinas com alunos do 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual de Parintins, a partir da técnica de grupo focal. No decorrer das oficinas foram apresentados dois contadores de histórias parintinenses, com o intuito de oportunizar aos alunos o contato com os contadores de histórias da cidade de Parintins/AM, os quais tem uma maneira peculiar de narrar suas histórias que perpassam gerações.

Palavras-chave: contadores; contação de histórias; memória cultura; oralidade; alunos.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias é um dos meios mais antigos de se encantar e despertar a curiosidade do ouvinte sobre diferentes contextos. Partindo dessa contação é que este trabalho tem com objetivo mostrar a importância do contador de história e sua contação na promoção da memória cultural de cada povo.

Destaca-se a motivação de escrever este artigo envolvendo o contar parintinense e seus contadores, a qual deu-se a partir de uma observação e realização de oficinas em sala de aula com os alunos do 2º ano do Ensino Médio que tinham dificuldades em se expressar oralmente e conhecer sua própria identidade cultural.

Acredita-se que a prática de contar histórias deve ser desenvolvida nas escolas, pois contribui na expressão oral dos alunos e na compreensão da memória cultural. Como suporte teórico dessa pesquisa utilizou-se os estudos de: Bia Beldran (2011); Celso Antunes (2005); Israel Moreira (2001); Francisco Marques (2005); Gilka Girardello (2011); Márcio Souza (2009); Marta Morais (2010) e Paul Thompson (1993). Tais autores são referências no seu campo de pesquisa e servem como apoio desse artigo.

O artigo está dividido em duas sessões, sendo que a primeira visa apresentar a importância

do contador de história e sua contação na promoção da memória cultural de cada povo; a segunda propõe-se a analisar os dados de pesquisa no âmbito escolar.

O objetivo do trabalho consistiu em trabalhar os contadores de histórias parintinenses, seus diferentes gêneros e principalmente a memória cultural parintinense por meio da contação de histórias. Nessa perspectiva, este artigo visa contribuir com as discussões sobre memória cultural, estratégias de leitura e formação e prática docente, o qual deve ser apreciado, estudado e serve como referência para pesquisas alusivas ao contar amazônico e as formas de contação.

METODOLOGIA

A pesquisa sobre as tradições orais contexto escolar de Parintins/AM, teve uma abordagem qualitativa, tendo como método de procedimento o estudo de caso. Os sujeitos da pesquisa foram 20 alunos e 02 professores de uma escola da rede estadual, 02 contadores de história local.

De acordo com o campo Literário essa pesquisa enquadra-se no campo teórico da Literatura amazonense e o contar é imprescindível para despertar o imaginário, de acordo com Francisco Marques (2005, p. 171)

“Narrar é um ato inventivo seja para contar o acontecido ou apalavrar o imaginado. E toda sua invenção reside no detalhe: evidenciar uma palavra, iluminar uma pausa, desdobrar um gesto, incorporar a participação dos ouvintes, buscar um tom de voz, encaixar um comentário, introduzir uma personagem, arquear as sobrancelhas... desenrolar o enredo e enredar as palavras são as duas páginas da mesma folha...”

Foi utilizada a História oral como técnica dessa pesquisa, uma vez que a história oficial é feita a partir de documentos registradores de uma lembrança que se quer preservar, a memória é fundamental para confirmar o presente e imprescindível na recuperação de coisas que ficaram fora da história outrora escrita. (BARROS, 2005)

Também realizou-se entrevistas e observação participante bem como as fontes materiais, bibliográficas e documentais sobre a temática em investigação. Os dados obtidos foram selecionados, analisados e apresentados nas categorias construídas para essa discussão.

Resultados e discussão

A importância dos contadores de histórias: as diferentes formas de contar

O contar amazônico é rico em sua diversidade, é o percussor do imaginário de muitos caboclos da região, é ele que faz com que as histórias contadas pelos antigos continuem recontadas, mesmo que essa tenha se transformado com diferentes contextos. Sabemos do que é nosso a partir

do que contam, pois poucas narrativas amazônicas foram escritas, as mais conhecidas são aquelas que nos trazem a figura de seres inimagináveis, de criaturas protetoras das florestas e dos rios. O contar amazônico é, sem dúvida, a maior referência da expressão oral da nossa região, pois parte dele a caracterização do nosso povo, da nossa cultura e da nossa identidade.

Conforme Thompson (1993, p.09) “... a cultura é a essência daquilo que converte indivíduos humanos em grupos (o núcleo da identidade social humana) sua continuidade é vital. Daí a necessidade universal de transmissão da cultura entre as gerações.”. É importante termos essa consciência de que o contar amazônico é um resgate da memória de um povo e deve estar sempre presente para que as futuras gerações não percam suas referências culturais.

Para Márcio Souza (2009 p.15) “... se uma geração inteira perde o contato com a História, perde qualquer atitude crítica em relação ao presente...” Nessa perspectiva, conhecer sua identidade cultural é fundamental para reconhecer-se como sujeito construtor de sua realidade.

Vale salientar que a transmissão oral do nosso contar é passada a gerações pelos contadores e seus conhecimentos, valores e credências são representações culturais da nossa região. Esses contadores, mantêm viva a identidade e a herança cultural de seu povo preservando os costumes e recriando modos de contar, para que o mesmo não caia no esquecimento nesse período moderno.

A Literatura Amazonense e o contar são imprescindíveis para despertar o imaginário. De acordo com Francisco Marques (2005).

Narrar é um ato inventivo seja para contar o acontecido ou apalavrar o imaginado. E toda sua invenção reside no detalhe: evidenciar uma palavra, iluminar uma pausa, desdobrar um gesto, incorporar a participação dos ouvintes, buscar um tom de voz, encaixar um comentário, introduzir uma personagem, arquear as sobrancelhas... desenrolar o enredo e enredar as palavras são as duas páginas da mesma folha... (p.171)

É importante valorizar as questões da identidade cultural, e buscar na memória o conhecimento e entendimento de um fenômeno social, pois o vínculo que se estabelece entre identidade, cultura e memória dá relevância a construção histórica de cada povo.

O contar amazônico encanta, desperta o imaginário, mas acima de tudo é fundamental para conhecermos nossa própria realidade. O contar ou a contação de história em todos os âmbitos é necessário para valorização e o domínio no discurso, pois quem conta bem uma história pode conquistar seu público transmitindo o saber cultural do seu povo.

A contação de histórias tem varias dimensões e diferencia-se a partir do contador. Segundo Moreira (2001):

Nossas experiências com contadores de historia junto a grupos de crianças e depois com grupos de velhos fizeram com que adquiríssemos mais saber sobre a cultura do nosso povo. Como cada família tem uma versão própria dos mitos, eu defendo a interpretação que guardo na memória, dada pelo meu pai junto a outras famílias. (pg. 15).

Pode-se afirmar que tanto a contação como a história em si são fundamentais para despertar do imaginário e para a valorização de uma cultura. Esses foram alguns dos motivos levou a trabalhar a questão do desenvolvimento da habilidade oral dos alunos com a contação de história, pois explorar contar amazônico em sala de aula nas suas diferentes formas, além de levar o aluno a desenvolver suas habilidades, também focaliza a valorização da sua identidade.

Os contadores de histórias têm sua própria maneira de narrar, cada um usa estratégias para envolver seus ouvintes, despertando o imaginário, estimulando-os a tornarem-se bons leitores e assim conhecerem outras histórias. Assim, a maneira como a narrativa for repassada em sala de aula, influenciará na aprendizagem dos alunos, no seu desenvolvimento da vida escolar e social.

O contador Padre Henrique Uggé, sujeito da pesquisa, utiliza do meio de comunicação radiofônica para envolver os ouvintes, fazendo-os imaginar, sentir as emoções, como se os ouvintes tivessem assistindo a história. No momento da narração de uma história, o locutor estará tendo uma relação íntima com o ouvinte, transformando o rádio em uma forma de lazer. O receptor deixa-se então envolver pelas sensações que o contador transmite ao narrar à história. Segundo Gilka Girardello (2011).

As histórias que o rádio conta abastecem de emoções, arte e companhia os dias e noites das mulheres e dos homens em seus momentos de intimidade ou solidão, falam aos românticos, aos visionários, e a todos os que simplesmente buscam sintonizar seus semelhantes. O coração quente do rádio, nos cantos das casas brasileiras, aquece o cotidiano de milhões, e é um dos nossos grandes e nem sempre reconhecidos parceiros na aventura de povoar o cotidiano com histórias contadas, e portanto com mais sentido na vida. (pag. 75)

O Padre Henrique Uggé, usa o rádio como uma estratégia que alcança lugares distantes chegando à casa de cada receptor com suas histórias tornando o dia do ouvinte em um mundo de aventura, fazendo dele um ser sonhador, pois naquele momento quem escuta as histórias estará imaginando todo um contexto.

O contar popular foi representado pela contadora Maria Lacy Pereira Reis, moradora da Comunidade do Aninga, que transmite as histórias através do conhecimento que lhe foi repassado de geração a geração. Suas narrativas são perpassadas para os seus filhos, netos, bisnetos, e outros sendo uma forma de preservar a identidade cultural da sua comunidade. Para Bia Beldran (2011 p. 61) “A arte narrativa se manifesta tanto no contador tradicional, cujas histórias foram criadas e recriadas ao longo do tempo através da narração de sua experiência e de sua memória...”.

No decorrer da vida as histórias vão sendo passadas de pai para filhos e ao narrar, a contadora de histórias Maria Lacy Pereira Reis, mostra uma maneira simples de contar, de um jeito familiar.

“Quando eu conto minhas histórias, me sinto feliz, pois é nesse momento que tenho minha família, meus amigos e meus conhecidos perto de mim. Sou a moradora mais antiga do Aninga e já e vi e ouvi muitas coisas, mas o que eu gosto de contar é sobre as coisas alegres que aconteceram em minha comunidade. Às vezes dá vontade de rir do que eu lembro, minha infância foi toda aqui e daqui eu não pretendo me afastar.”

A contadora Maria Lacy é referencia na comunidade do Aninga pela sua vivencia e atuação como moradora, mas principalmente como guardiã de vários fatos ocorridos nessa comunidade.

As diferentes formas de contar foram apresentadas pelas narrativas dos dois contadores com intuito apresentar a prática da contação de histórias com uma estratégia para o desenvolvimento do imaginário, da expressão oral, libertando a criatividade dos alunos. Chegamos assim a um resultado significativo da oficina, pois houve compreensão das narrativas, apreciação das histórias contadas, produção a partir das narrativas pesquisadas no seu âmbito familiar e compreensão sobre a identidade cultural parintinense.

A contação de histórias no âmbito escolar

Ao propormos a contação de história em sala de aula, percebemos a importância que ela tem para desenvolver a oralidade e escrita do aluno como também a expressão corporal. É uma estratégia que requer três pontos principais: Uma pesquisa aprofundada da cultura e identidade da região a partir das histórias apresentadas; de um professor que saiba contar de forma interativa e principalmente de um público que acolha esse conhecimento e a partir dele desenvolva sua habilidade oral.

A contação de história é vista por muitos nesse caso como uma estratégia para melhorar o desenvolvimento da expressão oral e escrita dos educandos, porém muitos não se sentem à vontade

ao ler narrativas de um livro, porém são provocados a contar ou recontar uma história narrada por outras pessoas. Observa-se a importância de ler, mas ler para encantar, o aluno passa a ter interesse por algo que o estimule e uma delas é a leitura interativa e expressiva do professor. O professor é, pois considerado o maior incentivador da leitura e do aprendizado. Celso Antunes (2005) afirma que:

Todo comunicador deve ser um “professor de beleza”, mostrando ao ouvinte o encanto que existe nos conteúdos de sua mensagem, nos desafios que propõe responder... “ver” é muito mais que olhar, é uma questão de aprendizagem que todo comunicador deve fazer o possível para despertar. (p.52).

Para a professora Marta Morais (2010.p.90) “a função do encantamento, é a função do deleite, do entretenimento. Porque as histórias, assim como elas ensinam, elas também divertem...”. Dessa maneira, a contação de história favorece uma aula diferenciada e produtiva, pois o contar tem a função de encantar seu ouvinte das diversas formas possíveis e o professor como mediador absorve com essas experiências estratégias para transmitir o conhecimento e fazer das suas aulas uma interatividade entre o contador e ouvinte.

Alunos do Ensino Médio de uma escola estadual de ensino de Parintins relatam suas experiências com a contação de história e a importância que o contar tem no meio escolar. O olhar do aluno a respeito da contação e a relevância do contar em sala de aula são apresentados com entusiasmo pelos discentes, pois há a estímulo da aprendizagem.

Aluno (x) “Quando a professora começou a contar histórias da nossa região nós ficamos encantados, não é a história em si que nos faz prestar a atenção, mas a forma que é contada. É muito importante a gente ver esses gestos e esse brilho nos olhos na hora de uma leitura ou de uma contação de história” (2014).

Aluno (y) “Tenho muita dificuldade em falar na hora de um seminário, fico meio envergonhado, mas quando ouvir as professoras contarem senti vontade de contar também. Quando é coisa que a gente conhece mesmo fica mais fácil de falar em público” (2014).

Aluno (z) “Gostei muito das aulas, a contação das histórias fez com que conhecêssemos mais sobre a nossa identidade. Foram poucas as vezes que tivemos aulas assim, todos queriam contar alguma coisa, até quem não sabia nenhuma história inventava só para contar lá na frente. Eu achei muito importante porque vi que todos os meus colegas participaram da aula, o que é muito difícil.” (2014).

Vimos na fala dos alunos a percepção deles no ato de contar, sendo que cada um retratou algo que mais chamou sua atenção nas oficinas de contação. O aluno(x) destacou a importância da expressão oral e corporal ao se contar uma história, pois dessa forma a atenção dos alunos fica todo para o contador. O aluno(y) apresentou suas dificuldades na oralidade e como essa experiência fez com ele se sentisse bem ao falar em público, por fim o aluno (z) enfatizou a importância de conhecer nossa própria identidade a partir das histórias apresentadas e a participação dos alunos como algo primordial ao sucesso da aula.

Ao proporcionar diferentes mecanismos de aprendizagem como a contação de história, o professor deixa as aulas mais prazerosas, fazendo com que os alunos interajam com as narrativas apresentadas e passe a ter um olhar crítico em relação ao contar. O aluno por sua vez, tem a contação de história como algo mágico e encantador, pois a partir do contar a imaginação aflora, permitindo a sua interação nas aulas expositivas.

As narrativas por transmitirem fatos do imaginário do contador, retratam uma realidade aparentemente inacreditável, o contar é um contraste magnífico entre a realidade e a imaginação. Marta Morais (2010 p.93) afirma que “... a história em si ela, às vezes é muito reveladora... às vezes pode ser mais difícil contar uma história minha do que contar uma história de outra pessoa...”. Com tudo, o que os outros contam parece ter mais sentido do que se nós mesmos contássemos, mas se aprimorarmos essa habilidade, o nosso contar transmitirá a mesma essência que a dos nossos antigos contadores.

Com a aplicação das oficinas e relatos percebemos o interesse dos alunos pelas temáticas abordadas nas histórias e o significado que cada ouvinte tem referente à sua leitura da realidade. Observa-se o interesse para interação na oficina quando foi proposto a formação de grupos para a realização da atividade.

Marta Morais, (2010) discorre sobre o contato que temos que ter com o ouvinte e o diálogo que deve ser mantido na narrativa.

A contação é um diálogo. É um dialogo que vou manter com o publico e esse diálogo vai ser intermediado por uma narrativa pré escolhida. No momento em que o contador olha nos olhos dos seus ouvintes, chega perto, ele percebe se sua historia está chegando bem ou não. Ele tem que ter, em primeiro lugar esse contato visual, que é importantíssimo... (p.97)

Por observamos que esse contato é importante fizemos com que os grupos compartilhassem sua visão de uma história e como o público estava recebendo essa narrativa. As

apresentações das histórias foram satisfatória, todos queriam contar sua versão e sem perceberem estavam desenvolvendo sua habilidade oral e corporal nessa atividade. Os alunos sentiram-se a vontade de falar de algo que eles conhecem e a ajuda das obras apresentadas proporcionou uma segurança maior na expressão oral dos alunos.

Durante as oficinas foram apresentados dois contadores parintinenses, como exemplo da valorização a prática da oralidade e conhecimento cultural, o Padre Henrique Uggé contador de histórias através do meio de comunicação radiofônica e a moradora da Comunidade do Aninga Maria Lacy Pereira Reis, contadora popular. São diferentes estratégias de contação, mas que abordam a valorização e a identidade do nosso contar amazônico.

O contador de histórias é como um escritor, como um artista de modo geral, uma pessoa que tem que levar em consideração uma serie de elementos para que ele consiga um bom resultado na contação...o repertório do contador é um pouco a identidade daquilo que ele é como pessoa. (MARTA MORAIS, 2010, p.91)

É importante salientar a importância que os contadores tem em todos os contextos internos ou externos e a referencia deles no meio em que vivem, pois atuam como guardiões da memória do seu povo. As historias narradas são provas de que durante muito tempo essa pratica é passada de geração a geração.

É importante a contação de historias para a memória cultural para identidade de um povo, pois as histórias só existem porque são contadas de um para o outro. As oficinas tiveram resultados satisfatórios, pois através da contação de historias conseguimos despertar o interesse dos alunos pela leitura e desenvolver suas habilidades orais.

CONCLUSÃO

Trabalhar a importância dos contadores de histórias no âmbito escolar e social a partir da contação de histórias configura-se em uma oportunidade de abordar as categorias dessa narrativa à luz da cultura parintinense, dialogando o saber científico com o saber popular na perspectiva de alcançar os objetivos desejados.

A contação deve ser algo prazeroso, deve conter tudo que os alunos procuram; emoção, aventura, romance, suspense, mas, sobretudo conteúdo, é comprovado que os leitores gostam de livros em que eles tem conhecimento do contexto e que despertem seu interesse por parte da narrativa

Com base nos teóricos e em narrativas conseguiu-se planejar e desenvolver oficinas de contação de história proporcionando o contato com narrativa do imaginário caboclo no campo da Literatura Amazonense. O contar amazônico (parintinense) por ser cheio de mistérios faz com que se leve a leitura além das páginas dos livros, além da própria imaginação, despertando no aluno a vontade de expor suas ideias e seu posicionamento perante o contar.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. A arte de comunicar/ Celso Antunes.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BELDRAN, Bia. Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes/ Organização Benita Prieto. - Rio de Janeiro: s. ed, 2011.
- GIRARDELLO, Gilka. Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes/ Organização Benita Prieto. - Rio de Janeiro: s. ed, 2011.
- MARQUES, Francisco (Chico dos Bonecos). Muitos dedo: enredos (um rio e palavras deságua no mar de brinquedos). São Paulo Peirópolis, 2005.
- MORAES, Marta. Contação de Histórias. A escola e a formação de leitores: Belo Horizonte. 2010.
- MOREIRA, Israel Pedrosa. Contos e Lendas Mitológicas do Povo Tariano/ Israel Pedrosa Moreira.- Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2001.
- SOUZA. Márcio. História da Amazônia. Manaus: Valer, 2009
- THOMPSON, P. A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em história de vida, In: DINIZ, E; LOPES, J. S.L; PRANDI, R.(org.). Ciências Sociais Hoje. s.l.: ANPOCS, HUCITEC, 1993.